

## **DISCIPLINA OU IMPOSIÇÃO PELO MEDO EM SALA DE AULA? DESAFIOS À FORMAÇÃO DOCENTE DA BOLSISTA DO SUBPROJETO PIBID GEOGRAFIA/UFFS**

Tayna Ayme Pelegrini Mohr<sup>1</sup>  
Marlon Brandt<sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

O presente relato de experiência tem por finalidade apresentar as contribuições do Programa Institucional de Bolsa à Iniciação à Docência (PIBID) do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul Campus Chapecó para a formação docente. Essa é a primeira experiência onde o futuro professor passa a ter contato com a realidade escolar e não somente com a formação dentro da universidade. Esse convívio possibilita o aprendizado e o convívio desde os primeiros anos da graduação, sendo importantes para a formação docente. Porém em alguns momentos essas trocas passam longe do ideal, sobretudo quando relacionadas a situações que envolvem indisciplina e possível postura por parte docente em relação a tais atitudes. À primeira vista seria possível partir para a disciplina por imposição, autoritarismo ou mesmo amedrontamento em sala. Para evitar tais situações, algumas observadas em sala, procura-se refletir sobre estratégias para evitar tais situações durante as atividades desenvolvidas em sala durante o PIBID e na futura carreira docente. Essa realidade vivida em sala evidencia a necessidade do programa para o preparo do acadêmico em licenciatura à sala de aula e seus desafios.

Ao longo de sua vida docente, o professor se depara com situações problemas que não estavam na grade curricular do curso de graduação. Dentre essas situações a defasagem da relação aluno professor, onde o professor se encontra em uma posição cada vez mais desvalorizada. Existem pesquisas acadêmicas também a respeito, no caso da reportagem do jornal "Redação O Sul" (2021), um estudo realizado no Brasil todo promovido pelo Instituto Península afirma que 74% dos professores de escolas públicas e particulares não são respeitados como deviam, e 77% afirma que sua profissão não é valorizada pela sociedade. Mesmo assim, esses entrevistados dizem ter orgulho do que fazem e chamam a atenção para a honra, a dignidade e o respeito atribuídos a sua profissão.

Desta forma, notamos que uma parcela da sociedade alvo deste estudo não reconhece a importância de um professor como formador da próxima geração, para muitos o professor é considerado uma pessoa que não conseguiu fazer outra coisa na vida, e esquecem que o mesmo passou por uma preparação, uma graduação, para chegar onde está. Esta desvalorização do professor pela sociedade se dá também pelo baixo salário praticado pelas secretarias municipais e estaduais, e a falta de exigência de formação acadêmica para atuar em sala de aula (Freitas, 2023).

Um dos desafios encontrados pelos professores além desta desvalorização está relacionado ao desinteresse e a algumas situações envolvendo o desrespeito dos alunos com os professores em sala de aula, alguns professores optam por

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia - 4ª Fase. Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Chapecó. [itaynamohr@gmail.com](mailto:itaynamohr@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor pela Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador Prof.<sup>(a)</sup> do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

amedrontar os alunos em busca de controlá-los, historicamente este sempre foi um método de disciplinarização de indivíduo. Mas por muitas vezes, o medo em níveis elevados pode ser paralisante ou causador de doenças psíquicas (Baldino, 2009). Mas esta é a real finalidade do professor? É desta forma que ele deve manter a ordem em sala de aula e repassar seus ensinamentos? Afinal, qual o papel de um professor para com o aluno?

Para Paulo Freire (1991), o papel do professor é estabelecer relações dialógicas de ensino em que o educador, ao passo que ensina, também aprende. Juntos, o educador e os educados aprendem, em um encontro democrático e afetivo, em que todos possam se expressar. Nessa realidade não se faz necessário a utilização do amedrontamento em sala.

## 1 METODOLOGIA

Este relato de experiência pode ser caracterizado como uma pesquisa descritiva e exploratória. Após acompanhar dois semestres no meio acadêmico e escolar, buscou-se problematizar e entender as atividades de formação à docência na área da Geografia no âmbito de escola fundamental. De acordo com Gil (2008) este método de pesquisa possibilita a identificação e a descrição da complexidade do tema (problema de pesquisa, neste caso, o medo em sala de aula), de forma que permita aos pesquisadores analisar, compreender, classificar para gerar contribuições aos indivíduos envolvidos e ao objeto de pesquisa.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Para entender como o medo foi introduzido na sala de aula é importante lembrar que inicialmente o magistério foi designado as mulheres, onde por pura realocação política elas tomaram frente. Não foi algo que ocorreu do nada, foi proposital:

Assim, apesar dos discursos recorrentes sobre a maternidade e o “dom” feminino natural para cuidar e educar crianças, o encorajamento da massiva presença feminina no magistério não traz em si uma ideia de desapego ao financeiro, de trabalho voluntário motivado pela dignidade do ofício, mas, sim, pela urgência de uma expansão que precisava ocorrer de forma rápida e barata. (Dametto; Siqueira, 2015, p. 150).

Para que houvesse a escolarização era preciso que o professor custasse pouco, e nesse momento que entra a presença feminina como professora. Conforme Dametto e Siqueira (2015), foi vendida uma ideia de que a vocação da mulher seria o magistério, pois ela já teria o “dom natural” para isso, como sendo dedicada, altruísta, com espírito de abnegação e sacrifício, naturalmente mais “dócil” que os homens. E seguindo esta linha de pensamento que a rigorosidade e a agressividade masculina foram sendo cada vez mais normalizadas em sala de aula, enquanto se esperava o oposto de uma professora mulher.

Mas vale lembrar que a agressividade e o medo estiveram presentes na história do controle da humanidade, o que também foi estendido às escolas. Nesse sentido, Baldino (2009, p. 08) nos lembra que “punições, humilhações, palmatórias, varas, joelhos no milho foram alguns dos instrumentos utilizados por um bom tempo na intimidação dos alunos”. Era uma forma de controle e do exercício do poder do adulto sobre a criança. E essa necessidade de controle em sala de aula permanece até hoje.

De acordo com Baldino (2009), o século XXI vem trazendo consigo um aumento na violência e no medo do mundo em geral. Criando situações distintas da realidade das escolas até então, onde:

O professor outrora amedrontador, detentor do poder legitimado socialmente, vem se tornando um amedrontado tanto no exercício profissional quanto cidadão de grande cidade [...] o quanto do professor amedrontador e do aluno amedrontado convivem hoje com o professor amedrontado e o aluno amedrontador. (Baldino, 2009, p. 08).

Muitos dizem que esta inversão de posição dentro da sala de aula é culpa do professor, como por exemplo em uma Coluna do jornal “A Voz da Serra” (Werneck, 2012), onde o escritor traz que “muitos não se dão ao respeito pelo modo de se vestir, usando camisetas com dizeres pouco compatíveis com a educação [...] ou usar palavras tão próximas das gírias dos alunos que se tornam iguais a eles”. Outros falam que esta inversão se dá por que os professores estão cada vez mais limitados em sala de aula, de modo que tudo que falam e fazem é minucioso e previamente definido pelo estado/município. Perderam seu “pulso firme”.

Mas sabemos que a falta de respeito em sala de aula não é uma questão com uma resposta pronta, e que pode ser decorrente por diversos fatores, tanto por parte dos professores (gênero, desânimo e/ou postura) quanto por parte do aluno (desinteresse, medo e/ou problemas familiares). O papel da Bolsista nesse momento foi identificar, analisar, compreender e buscar por contribuições.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A ideia da rigidez e disciplina, em muitos casos autoritária, é associada a uma escola de qualidade, com o respaldo de significativa camada da sociedade, haja vista o apelo dos últimos anos para a abertura de escolas cívico-militares. A ideia de qualidade quase sempre está vinculada a comparação. No entanto no campo da educação a qualidade pode significar tanto aquela que possibilita um “domínio eficaz dos conteúdos previstos, como aquela que desenvolve máxima capacidade técnica para servir o sistema produtivo ou, ainda, promover o espírito crítico e fomentar o compromisso para transformar a realidade social” (Pinheiro, Pereira e Sabino, 2019).

Quando o professor não respeita a autonomia do aluno, e impõe medo, o aluno passa a desenvolver estresse e ansiedade, podendo ser identificados por coceira excessiva, tremedeira, suor excessivo, o famoso “deu branco”, dentre outros. Em níveis mais elevados esse amedrontamento em sala de aula pode contribuir com a evasão escolar. Diminuindo assim, a qualidade escolar daquele local, afinal, esse medo todo não é eficaz para a absorção do conteúdo e crescimento pessoal do aluno em sala de aula (Bandino, 2009).

Inclusive para a bolsista, afinal, o aluno tende a reproduzir aquilo que lhe é apresentado. No momento que ele tiver chance de amedrontar ou ir contra o professor que está ministrando a aula ele tende a fazê-lo se sentir necessidade (Bandino, 2009). Após identificar uma problemática, a bolsista conversou com alguns alunos sobre seus medos e receios em sala de aula, assim como Paulo Freire (1991) nos traz, as vezes eles só querem ser ouvidos. Na figura abaixo temos um momento em que a Bolsista está ministrando aula e atraindo completamente a atenção dos alunos:

### Ilustração 1: Bolsista Ministrando Aula.



Fonte: Autoria própria.

Após identificar os medos da turma em geral, buscou-se ministrar aula mais interativas e atrativas, com debates e associações, e avaliações mais leves, que buscavam observar o real conhecimento dos alunos, não sua capacidade de decorar. Na ilustração abaixo temos um momento de debate interativo entre os alunos e professores:

### Ilustração 2: Bolsista Ministrando Aula Dinâmica.



Fonte: Autoria própria.

Pôde-se obter melhores resultados de ensino e aprendizagem sem a necessidade de amedrontamento por nenhuma das partes. No final, como já dizia Baldino (2009), o medo do aluno é ser reprovado pelo professor e o medo do professor é de perder o poder de reprovar o aluno. Ambos os casos mostram uma necessidade de rever a relação aluno professor, pois o medo existente não está vinculado ao real objetivo escolar que é ensinar e aprender.

## CONCLUSÃO

Tendo em vista que a docência não se trata de um dom divino e sim de um processo de aprendizagem, deve-se enfatizar a necessidade do PIBID para os estudantes de Licenciatura em Geografia, pois apenas na prática pôde-se ver aquilo que não é passado em sala de aula e não compõe a grade curricular acadêmica.

Sobre a problemática do amedrontamento, na maioria dos casos os professores esquecem que como eles exigem respeito a mesma demanda lhes é requisitada por parte dos alunos. Muitos problemas seriam resolvidos com uma boa roda de conversa, afinal, como professores devemos considerar cada individualidade e realidade dos alunos. Como nosso querido Paulo Freire (1991, p. 07) dizia: “Procurar conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõe: sem isso não temos acesso a maneira como pensam, dificilmente então podemos perceber o que sabem e como sabem”.

## REFERÊNCIAS

BANDINO, Â. R. O. **Vigiar sem punir?** O medo na relação professor- aluno. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2009.

BATISTA, N. Formação inicial e continuada de professores de Geografia: relatos acerca das contribuições do PIBID para a subjetivação docente. **Society and Development**, vol 8, n 7, 2019.

DAMETTO, J.; SIQUEIRA, R. S. Mãe, mulher...professora! questões de gênero e trabalho docente na agenda educacional contemporânea. **Human and Social Sciences**, vol. 37, n 2, julho-dezembro, 2015, p 149-155.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Das relações entre a educadora e os educados. Olho d’água, 1991. Disponível em: <<https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/127>>. Acesso em: 16/11/2023.

FREITAS, E. O professor não é respeitado. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/o-professor-nao-respeitado.htm>. Acesso em: 21/10/2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Editora Atlas SA. 2008, 6° ed. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 16/11/2023.

PINHEIRO, D.; PEREIRA, R.; SABINO, G. Militarização das escolas e a narrativa da qualidade de educação. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, vol. 35, n. 3. Goiânia, maio-agosto, 2019.

WERNECK, H. Por que o professor não é respeitado? **A Voz da Serra**, Colunas, 29 de junho de 2012. Disponível em: <<https://acervo.avozdaserra.com.br/colunas/hamilton-werneck/por-que-o-professor-nao-e-respeitado>>. Acesso em: 16/11/2023.

74% dos professores disseram que não são respeitados como deveriam e 77% afirmam que sua profissão não é valorizada pela sociedade. **Redação O Sul**, Porto Alegre, 25 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.osul.com.br/74-dos-professores-disseram-que-nao-sao-respeitados-como-mereceriam-e-77-afirmaram-que-sua-profissao-nao-e-valorizada-pela-sociedade/>> Acesso em: 16/11/2023.